

produtivo; no profissional militar, que percebe a confiança no papel da escola; no trabalho, que passa a ser mais eficiente; e, por conseguinte, na satisfação pessoal e profissional, cujas sensações podem ser traduzidas como qualidade de vida.

Por tudo isso, o simples fato de se haver problematizado essas questões gerou o anseio de aprofun-

damento no tema que parece não se esgotar. O anseio por qualidade de vida no trabalho é oportunidade de melhoria para gestores e executores. Na seara militar, é possível cultivar esses mesmos parâmetros.

Referências

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBN nº 9.396, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Regulamento Interno dos Colégios Militares**. RI/CM, de 1º de janeiro de 2010.
- BRASIL. **Regulamento Interno de Serviços Gerais**, RISG, de 17 de setembro de 2012.
- BRASIL. Exército. Portaria nº 1.714, de 5 de abril de 2022. Aprova o **Regulamento dos Colégios Militares (EB10-R-05.173)**, 2. ed., 2022. Disponível em: http://www.depa.eb.mil.br/images/legislacao/EB10-R-05.173_2Edicao.pdf. Acesso em: 23 jul 2022.
- BRASIL. **Lei de Ensino do Exército**, de 8 de fevereiro de 1999.
- BRASIL. **Normas de Psicopedagogia Escolar da Educação Básica (NPEEB)**, de 20 de agosto de 2013.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Recursos Humanos**. Fundamentos Básicos. São Paulo: Manole, 2015.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Como transformar RH** – de um centro de despesa – em um centro de lucro. São Paulo: Makron Books, 2000.
- DAVIS, Louis E.; CHERNS, Albert and Associates. **The Quality of Working Life**. Volume one: Problems, Prospects, and the State of the Art. New York: The Free Press, 1975.
- DAY, H.; JANKEY, S.G. **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues and applications**. Thousand Oaks: Sage, 1996.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO. **Orientações para o ensino dos conteúdos de aprendizagem**, 2015.
- FERREIRA, M. C.; SOUZA, M. A.; SILVA, C. A. **Qualidade de vida e bem-estar no trabalho: principais tendências e perspectivas teóricas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- FLECK, M. P. A.; LEAL, O. F.; LOUZADA, S.; XAVIER, M.; CHACHAMOVICH, E.; VIEIRA, G. *et al.* **Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100)**. Rev ABP/APAL 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber (História da Sexualidade I)**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREIRE, F. F. **Estamos Alunos**. Rio de Janeiro. Gramma Editora, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 2018.

GOFFMAN, Ervin. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HACKMAN, J. R.; OLDHAM, G. R. Development of the Job Diagnostic Survey. **Journal of Applied Psychology**, 60(2), 159-170. 1975. Disponível em: < <https://psycnet.apa.org/record/1975-22031-001> > Acesso em: 20 maio 2022.

KONDO Y. **Motivação Humana**: um fator chave para o gerenciamento. São Paulo, 3. ed., Gente, 1991.

LIMONGI, A. C. **Qualidade de Vida no Trabalho**: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MASLOW A. H. **Maslow no Gerenciamento**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2000.

NADLER, D. A.; LAWLER, E. E. Quality of Work Life: Perspectives and Directions. **Organizational Dynamics**, v. 11, n. 3, p. 20-30, 1983.

ROQUE, Moraes. **Construtivismo e Ensino de Ciências**: reflexões epistemológicas e metodológicas, 2000.

SCABINI, E. **Ciclo de Vida Familiar e de Saúde Familiar**. Manuscrito não publicado. Universidade Católica do Sagrado Coração. Milão, Itália, 1992.

SAMPAIO, J. R. **Qualidade de Vida no Trabalho e Psicologia Social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed., 2007.

WALTON, R. **Quality of Work Life**: What is it? Sloan Management Review, 1, 11, 21, 1973.

Notas

¹ Diz respeito a uma forma de organização, dentre outras, no sentido de ter elementos normalizados de saber e poder, sem, necessariamente estar vinculados ao que Foucault (1982) denomina de dispositivo enquanto grade de análise para dar conta das conexões entre saber/poder. Nem tampouco com a perspectiva da análise de dispositivo institucional de Goffman (1987), em que discute como opera o poder produzido no nível microfísico. A análise é descritiva de normas e regulamentos que seguem uma natureza específica de disciplina e hierarquia próprias da vida militar.

Ferramentas virtuais colaborativas e seu uso na educação

Prof^a Sirleide Ferreira Batista Lima*

Introdução

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) trouxeram consigo várias ferramentas tecnológicas, que vêm sendo usadas cada vez mais nos dias de hoje no processo de ensino-aprendizagem.

Conhecer algumas dessas ferramentas e saber como usá-las na educação nos possibilitam melhorar, avaliar e contribuir para uma aprendizagem colaborativa. Neste artigo, falaremos sobre algumas ferramentas colaborativas, que podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e ser adotadas em algumas práticas pedagógicas.

Moraes, Santos e Oliveira (2014, n.p.) afirmam que:

As tecnologias se apresentam como ferramentas capazes de propor uma nova forma de ensinar e de aprender, constituindo-se em espaços de troca de experiências que podem contribuir para a construção de aprendizagens significativas.

O uso das ferramentas colaborativas requer um planejamento por parte do professor/mediador ou de uma equipe de educadores e um propósito pedagógico, com a finalidade de estimular o diálogo, a criatividade, a autonomia e a interação entre aluno/aluno e entre aluno/professor, colaborando e compartilhando conhecimentos. Isso faz com que a educação seja pensada em uma perspectiva global para a qual as tecnologias digitais contribuem para a mediação dos processos cognitivos e sociais na aprendizagem.

Para Moraes, Santos e Oliveira (2014), os professores e alunos assumem papéis diferentes, estabelecendo uma parceria na construção do conheci-

mento, trabalhando de forma colaborativa e compartilhada.

O presente trabalho teve como base para sua elaboração pesquisas bibliográficas, como artigos científicos, textos elencados em um estudo qualitativo e referencial teórico abordado na disciplina de tecnologia baseada em computador na sala de aula, tem como objetivo gerar novos conhecimentos sobre o uso das ferramentas digitais e quais os seus benefícios e como elas podem proporcionar uma aprendizagem colaborativa e significativa.

Aprendizagem colaborativa

Características da aprendizagem colaborativa

A aprendizagem colaborativa é uma estratégia diferenciada de ensino feita em conjunto com outras, que permite aos alunos uma participação ativa no processo de construção do seu conhecimento, promovendo a interação, a criatividade e a autonomia, trazendo ganhos significativos para todos os participantes.

A aprendizagem colaborativa sugere uma maneira de lidar com as pessoas, respeitando e destacando as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo. Existe um compartilhamento de autoridade e a aceitação de responsabilidades nas ações entre seus membros. A premissa subjacente da aprendizagem colaborativa está baseada na construção de consenso por meio da cooperação, contrapondo-se à ideia de competição, na qual alguns indivíduos são melhores que outros. Os praticantes da aprendizagem colaborativa aplicam essa filosofia

* Graduada em Letras: Português/Espanhol pelo Centro Universitário de Brasília (UNICEUB). Aperfeiçoada em Práticas Inclusivas no Atendimento Educacional Especializado pelo Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (CREAECE). Especializada em Metodologia do Ensino da Língua Espanhola pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER). Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: sirlidefbatista@gmail.com.

na sala de aula, nas reuniões de comitê, com grupos comunitários, dentro de suas famílias e, geralmente, como um modo de viver e lidar com outras pessoas (PANITZ, 1996, p. 1, como citado em TORRES, ALCÂNTARA e IRALA, 2004, p. 4).

Segundo Torres, Alcântara e Irala (2004, p. 3), a

Aprendizagem Colaborativa é uma estratégia de ensino que encoraja a participação do estudante no processo de aprendizagem e que faz da aprendizagem um processo ativo e efetivo.

Nesse contexto colaborativo, o professor deixa de apresentar respostas prontas para seus alunos, permitindo que eles pensem e participem ativamente do processo de aprendizagem colaborativa por meio do estímulo ao pensamento crítico, do desenvolvimento de capacidades interativas e da resolução de problemas. E a construção desse processo é feita por meio da gestão de atividades.

São as atividades que dão sentido à ação do grupo ao mesmo tempo em que o dinamizam. É no processo de gestão dessas atividades que os componentes do grupo se organizam, repartem papéis, discutem ideias e posições, interagem entre si, definem subtarefas, tudo isso dentro de uma proposta elaborada, definida e negociada coletivamente. As estratégias pedagógicas são centradas na construção do conhecimento e na colaboração entre pares. Essa colaboração não visa a uma uniformização, já que respeita os alunos como indivíduos diferentes, que na heterogeneidade produzem e crescem juntos (TORRES, ALCÂNTARA e IRALA, 2004, p. 12).

Benefícios da aprendizagem colaborativa

A aprendizagem colaborativa pode trazer inúmeros benefícios para o grupo, tanto aluno/aluno como professor/aluno. Dentre eles, destacamos alguns, como a prática de autoria e colaboração, em que o aluno, com a mediação do professor, será incentivado a criar conteúdo voltado para a educação de modo colaborativo, como a produção de vídeos, criação de imagens, áudios e fotos, utilizando ferramentas e aplicativos digitais.

Outros benefícios que devem ser trabalhados com a prática da aprendizagem colaborativa são o pensamento crítico, a negociação, a aceitação de responsabilidades, a ampliação do conhecimento por meio das trocas de ideias entre os pares, o respeito mútuo e o compartilhamento de autoridade.

Ferramentas digitais colaborativas

Uso e características das ferramentas colaborativas *on-line*

As principais características das ferramentas digitais colaborativas são compartilhadas com outros usuários, utilizadas *on-line*, via internet, não necessitam de *download*, possuem interface intuitiva e de rápido processamento e disponibilizam também acesso por identificação com nome e senha.

Um dos grandes desafios para o uso dessas ferramentas colaborativas é encontrar formas para usá-las no ensino-aprendizagem que possibilitem aos alunos aprenderem a trabalhar de modo colaborativo, tornando-os responsáveis por sua própria aprendizagem de um modo autônomo. Para isso, o professor/mediador deve fazer um planejamento e estipular um propósito pedagógico para o uso dessas ferramentas. Segundo Moraes, Santos e Oliveira (2014, n.p.),

as intervenções e interferências que auxiliam o aluno a fazer aquilo que ele ainda não consegue fazer sozinho possibilitam que novos conhecimentos sejam construídos.

Essas ferramentas dão espaço para que os alunos coloquem em prática o que foi apreendido, produzindo materiais em colaboração e com autonomia, sempre com mediação e intervenção do professor/mediador.

São muitas as ferramentas colaborativas e a cada dia surgem mais. Então se torna impossível conhecer e utilizar todas elas. Existem algumas ferramentas, contudo, que se destacam pelos recursos oferecidos e pelas facilidades de uso.